

# PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MUSEUS: entrelaçando História e os saberes docentes

*EDUCATIONAL PRACTICES IN MUSEUMS: between History and sweet knowledge*

---

**Jaqueline Aparecida Martins Zarbato**

Docente colaboradora da Universidade Federal de Mato Grosso, Mestrado Acadêmico e Profhistória

E-mail: [jaqueline.zarbato@gmail.com](mailto:jaqueline.zarbato@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Entrelaçar as abordagens sobre a concepção educativa em museus com os saberes docentes constitui-se o objetivo deste artigo, visando, sobretudo analisar e aprofundar as concepções teóricas e metodológicas que norteiam as possibilidades de ações histórico-educativas. Para fundamentar a concepção educativa utilizamos como exemplo, a análise sobre as idas ao Museu José Antônio Pereira, em Campo Grande/MS. Dialogando também com o aprofundamento do saber docente, das práticas de ensino possíveis em museus, retomando que conceitos e concepções históricas fazem parte do referencial e arcabouço dos docentes.

Entendemos que, a formação docente amplia-se na medida em que o sujeito apreende dispõe de um cabedal de elementos que compõem sua prática, relacionando a fundamentação teórica com as ações didáticas, seja no espaço formal ou não formal de ensino. E nesse sentido, a proposição de visitas compartilhadas em museus pode contribuir com o processo educativo na medida em que transpõem o “modelo *panopticon*” da escola. Isso porque, as abordagens que podem ser realizadas no museu favorecem o aprofundamento dos conceitos de cultura, de identidades, de memória a partir dos objetos culturais materiais dispostos neste espaço. A Comissão Internacional de Museus (ICOM) define museu como:

Os museus preservam a propriedade cultural mundial e interpretam-na ao público. (...) Faz parte do patrimônio natural e cultural mundial e pode ser de caráter tangível ou intangível. Muitas vezes, o bem cultural providencia também a referência primária em vários temas da área, tais como arqueologia e ciências naturais, e por isso representa uma contribuição importante para o conhecimento. É também, um componente significativo na definição da identidade cultural, em nível nacional e internacional. (LEWIS 2004, p. 01)

Compreendendo que o museu é um espaço que preserva bens patrimoniais da cultura material e natural, pode também compor a formação de sentido histórico e de identidades culturais. Isso porque, pode-se utilizar a vontade que cada visitante tem para saber mais sobre cada objeto, sua história, de que grupo étnico é determinado objeto de cerâmica, que histórias contam as esculturas dispostas no museu e, podem nos fazer (re) pensar a problematização das visitas aos museus. Ampliando o olhar sobre os elementos que compõem esse 'lugar de memória'. Percebendo inclusive as mudanças na concepção histórica dos museus, pois:

Da modernidade ao mundo contemporâneo, os museus são reconhecidos por seu poder de produzir metamorfoses de significados e funções, por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e por sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, que unem o sensível e o inteligível. Por isso mesmo, cabe-lhes bem a metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque. (CHAGAS; NASCIMENTO, 2008, p. 59)

São diferentes interpretações históricas contidas em objetos, grafias, obras de artes, vestimentas, quadros, cerâmicas que aliam identificação e estranhamento nos sujeitos que visitam os museus. Instigando uma imersão no tempo e espaço e a relação com o processo histórico da constituição dos bens culturais dispostos no museu. E é com essa intensão, que este artigo analisa a relação entre práticas educativas nos museus, buscando problematizar e refletir sobre esse lugar de memória, para além de um 'olhar estático' sobre os objetos dispostos no museu. E, sim como um espaço de diálogo, de reflexões sobre passado e presente, de interlocução entre os sujeitos que o frequentam.

O museu tem sua historicidade, tem suas definições e delimitações, mas tem também histórias e fontes históricas que podem ser interpretadas por estudantes e professores/as no processo de aprendizagem histórica. E se

diferenciam quanto à sua forma de organização, alguns tem um gabinete de curiosidades reunindo um conjunto de itens ou com um acervo de objetos diversos, que nem sempre tem consonância entre eles e os que tem coleções e exposições que simbolizam períodos e discursos históricos que podem contribuir com as aulas.

Historicamente, no Brasil, a mais antiga experiência de museu se dá no século XVII, com a dominação holandesa em Pernambuco, a qual “consistiu na implantação de um museu (incluindo jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico) no grande Palácio de Vrijburg” (CHAGAS; NASCIMENTO, 2008b, p. 35).

Deste período até a atualidade, temos inúmeros espaços museológicos no Brasil, que seguem perspectivas diferenciadas, seguindo propostas e objetivos de cada museu e sua região, como: museu natural, museus de arte, museus regionais, museu nacional. Um dos exemplos são as casas de colonizadores que se transformaram em museus, como é o caso do museu José Antônio Pereira em Campo Grande/MS, o qual foi inaugurado na casa que pertenceu à família de José Antônio Pereira na fazenda Bálsamo em Campo Grande.

Uma casa, uma fazenda, objetos de seus moradores, das pessoas que transitavam e viveram nos idos de 1875, fazem parte da exposição permanente neste museu, que traz a historicidade da povoação da cidade de Campo Grande, com a chegada de José Antônio Pereira e sua comitiva em 1875. Há algumas pesquisas voltadas a este museu, porém a maioria com enfoque no processo colonizador e a representação do museu para a cidade.

Por isso, ao buscarmos fundamentar as reflexões sobre museus como espaços de formação de professores e que podem contribuir com as aulas de história, projetamos apresentar um espaço museológico e as sua potencialidades para o saber e fazer docente. E, neste sentido, optamos pelo Museu José Antônio Pereira, por diferentes razões, como: perceber visitas de crianças e professores de escolas de Campo Grande que não tiveram explicações históricas; abandono deste espaço como constructo para explicar o processo de colonização da cidade; concepções de preservação e conhecimento de patrimônio cultural pelas crianças e jovens em idade escolar <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Como temos projeto de pesquisa sobre o museu, várias vezes presenciamos visitas de escolas, que não obtiveram informações mais aprofundadas, e em que os professores não tinham material

Assim, percebe-se que no espaço do museu é possível desenvolver aulas sobre a história local, regional, nacional de forma lúdica, interativa e instigante para os estudantes. O processo educativo que envolve a visita ao museu, pode contribuir com a proposta didática dos/a professores/as a partir das investigações dos temas históricos, fundamentando as habilidades de estudantes para a leitura e interpretação dos objetos culturais dispostos no museu como fontes históricas.

## ENTRELAÇANDO AS CONCEPÇÕES DO SABER E FAZER DOCENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM MUSEU

O exercício da prática pedagógica faz com que o professor mobilize saberes, experiências, concepções, fontes, argumentos. E mobilizem ações e práticas educativas que envolvam as dimensões da produção do conhecimento, em espaços formais e não formais de ensino. “Do ponto de vista didático o museu serve tanto ao ensino dos conteúdos factuais, possibilitando a coleta e sistematização de informações pontuais, como aponta para o desenvolvimento das habilidades e da sensibilidade de cada visitante”. (PACHECO, 2012, p. 65).

Marandino (2001, p 98) aponta a importância da relação entre museus e escolas, compreendendo-os como espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente, e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado.

O museu, compreendido como espaço não formal de ensino, que agrega elementos culturais diferentes da escola, promove o descortinar de diferentes interpretações e emoções, assim como a complexa tarefa que é a mediação entre exposição e visitante, no caso, ficando a cargo do/a professor/a esse saber. (Tardif, 2002, p. 255), ressalta que a noção de saber num sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, *saber-fazer* e *saber-ser*.

E é neste interim que o/a professor/a se vê ao visitar o museu, compreendido como um espaço de múltiplas histórias, com bens e objetos diferenciados

---

para discorrer sobre os elementos patrimoniais dispostos no museu.

que precisam ser decodificados pelos estudantes. Reside então, na apreensão do conhecimento pelo/a professor/a de todo o universo de elementos que compõem o museu, para conseguir realizar a prática educativa a partir de diferentes fontes históricas, seja em exposições permanentes, ou de um objeto histórico, como por exemplo, o uso do pilão para os grupos culturais de Mato Grosso do Sul e do Brasil, nos séculos XIX e XX.

A exposição do museu pode ser compreendida como uma estratégia para o desenvolvimento das habilidades de indagação e pesquisa do passado por parte dos estudantes.

A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um “olhar de curiosidade” a respeito de “peças de museu” –que na maioria das vezes, são expostas pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um “passado ultrapassado” ou “mais atrasado” –em “um olhar de indagação”, de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história. (BITTENCOURT, 2004, p 355).

Seguindo essa premissa, os/as professores/as podem potencializar a investigação e o questionamento sobre as fontes históricas que estão dispostas nesse espaço, possibilitando a compreensão cultural e interpretação por parte dos estudantes. Abud (2010, p. 136) afirma que os museus são ferramentas para a construção do sujeito com a habilidade de questionar os objetos da cultura material e construir um sentido para os processos históricos em que eles estão inseridos. Pois:

[...] visitar museus é um exercício de cidadania, pois possibilita o contato com temas relativos a natureza, sociedade, política, artes, religião. Leva a conhecer espaços e tempos, próximos e distantes, estranhos e familiares, e a refletir sobre eles; aguça a percepção por meio da linguagem dos objetos e da iconografia, desafia o pensamento histórico com base na visualização das mudanças históricas, permitindo repensar o cotidiano. (ABUD, 2010, p. 136)

Pode-se dizer que, os objetos históricos do museu tornam-se importantes no ensino de história recente, considerando as heranças culturais, políticas e simbólicas, a memória da cidade, as identidades culturais, a preservação das culturas. A memória em si, ligada à aprendizagem, ou a uma função e experiência aprendida no passado, faz parte de uma preocupação básica com a sociedade.

Buscamos ampliar esse olhar, percebendo que o patrimônio pode ser passível de leituras de mundo por parte dos sujeitos, com sentimento de pertencimento ou estranhamento em relação ao patrimônio. É sobre esse processo de compreensão histórica, de uma leitura de mundo que faça sentido, que possam ser utilizadas como fonte documental. Assim, o patrimônio pode ser entendido a partir de determinadas condições socioeconômicas de produção de determinado bem, das relações de poder que demonstram que tal imóvel, “por pertencer a uma determinada parcela mais abastada da sociedade, então, foi construído com material de melhor qualidade, pode explicar continuidades e mudanças ocorridas em determinados locais, entre várias outras potencialidades que estes documentos apresentam” (OLIVEIRA, 2008, p. 98).

Na esteira da valorização do museu como espaço histórico-educativo, percebe-se a necessidade de pensar que o museu hoje, relaciona os saberes dos alunos, produzidos em suas vivências, com as várias narrativas que poderão estar presentes nesse espaço. Outra questão se dá pelo trabalho com fontes históricas, como no caso do museu José Antônio Pereira, a qual envolve prioritariamente vestígios da cultura material. De acordo com Ramos, “[...] é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história na materialidade das coisas” (RAMOS, 2004, p. 21).

Para Arantes (1984, p. 33), “os monumentos que se conservam são aqueles que estão associados com os feitos e a produção cultural das classes dominantes, raramente se preserva a história dos dominados”. Assim, ao adentrar ao Museu José Antônio Pereira pode-se ampliar e aprofundar as abordagens sobre a memória e história regional, uma vez que há diferentes versões sobre este espaço.

Nesse sentido, é necessário pensar o objeto museal enquanto elemento de um passado que foi interpretado pela argumentação museológica. Chagas (2001, s/d, p. 94) aponta que o museu comunica, antes de tudo, pensamentos e ideias, e não objetos. Estes são meios utilizados para construir e comunicar uma interpretação. Assim, importa compreender os usos feitos e propostos a partir dos objetos, cientes de que a linguagem museal “[...] não está restrita às coisas, mas antes lança mão das coisas e outras tantas linguagens e de outros tantos recursos: táteis, visuais, olfativos, gustativos, auditivos, afetivos, cognitivos e intuitivos”.

Mas, como o/a professor/a pode utilizar o espaço do Museu José Antônio Pereira para dar aula? Quais os temas podem ser suscitados? E o conteúdo curricular, como adequar?

Essas e outras questões podem ser problematizadas na modificação do olhar docente, pois ao agregar as dimensões de um espaço museal para as aulas, há que ter em mente as diferenças no processo de conhecimento, Porém, há também aprofundamentos metodológicos que podem contribuir com a aprendizagem histórica, com a orientação temporal de crianças e jovens.

Um dos principais procedimentos a ser realizado pelo/a professor/a esta em conhecer esse espaço museal, sua história, suas potencialidades para o ensino e aprendizagem, seus objetos, sua edificação. Pois, a partir desse conhecimento é possível organizar as aulas, explorando no tempo e espaço histórico, bem como atrelando aos temas do currículo escolar.

No caso específico, o museu José Antônio Pereira, se dedica a exposição permanente de objetos históricos, que podem ser explorados nas aulas de história, compreendendo assim, que os museus “são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (NORA, 1993, p. 21)

**Figura 1:** Museu José Antônio Pereira em Campo Grande-MS



**Fonte:** Acervo Pessoal.

A própria edificação do Museu José Antônio Pereira já pode ser problematizada nas aulas, pelos/as professores/as. Isso porque era uma residência e foi transformada em Museu em 1983, sendo assim, pode ser fundamentada a lógica de preservação da casa, que já passou por diferentes restaurações. Além

disso, o entorno do museu também pode ser abordado, pois há o espaço em que dispunham os gêneros alimentícios da fazenda. A preservação do meio ambiente em torno do museu contribui para uma aprendizagem interdisciplinar. E também a escultura, retratando o Antônio Luiz, esposa Anna Luiza e a filha Carlinda. O museu possui as seguintes características que compõe a arquitetura tombada: alicerces de madeira; corpo com trama de esteio e frechal; sua alvenaria é composta de taipa com aberturas retangulares possuindo uma inspiração colonial. Em que:

Do índio, o pau-a-pique; do negro, o barro de sopapo; a taipa de pau-a-pique, também conhecida como taipa de mão ou taipa de sopapo, é uma técnica utilizada no Brasil desde o período colonial. A influência da cultura negra aliada à experiência dos índios resultou num sistema de construção que, por sua leveza, pouca espessura, economia e rapidez de execução, foram amplamente utilizadas na fabricação da casa cabocla. É uma técnica que usa o barro, apertado e socado com as mãos, preenchendo os vazios da trama de varas amarradas com cipós ou outras fibras vegetais no pau-a-pique (Disponível em: [http://www.campograndems.net/vista\\_frontal.html](http://www.campograndems.net/vista_frontal.html)).

Compreende-se que a edificação em si já traz elementos da colonização e a contribuição cultural dos grupos indígenas. Pode-se dizer que o/a professor/a pode explorar o conhecimento histórico sobre as edificações que compunham o período colonial. Problematizar as diferentes formas de moradia no Brasil e também em Mato Grosso do Sul, relacionando com o tempo presente.

Os procedimentos metodológicos adotados pelo/a professor/a pode partir da metodologia da Educação Patrimonial, a qual pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja “[...] um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural [...]” (HORTA, 1999, p. 6).

Outra fonte histórica que pode ser utilizada para a aprendizagem, são documentos históricos sobre a construção do museu, fundamentando a preservação da história regional. Segundo o documento da Fundação de Cultura, que apresenta a carta de doação da Fazenda Bálsamo para o poder público, transformado em museu posteriormente. Neste documento, pode-se explorar desde a linguagem utilizada naquele período e, também o processo de uma casa de fazenda ser transformada em museu. Explorar estas fontes históricas



escritas associadas a imagens da época possibilita aos estudantes perceber as mudanças e permanências ocorridas no processo histórico.

Lê-se: “Faço saber aos que o presente título verem ou delle tiverem conhecimento que nesta data, de conformidade com os artigos 116 e 123 do Reg.º nº 38, approvei por se acharem em devida forma os documentos que me foram apresentados para registro, de Antônio Luiz Pereira, de uma posse de terras no lugar denominado Balsamo, neste município, com a área de três mil e seiscientos hectares mais ou menos. Que limita-se: Ao Este com Salatiel José Ferreira, e Firmo Joaquim Antônio Pereira; Ao Norte, com Joaquim Antônio Pereira, ao Oeste, com Bernardo Franco Bais, cuja posse funda-se no artigo 5, § 5º, da Lei n.º 20 de 9 de Setembro de 1892, e determino que se expeça ao requerente o presente titulo que lhe permita legitimação. Intendência Municipal de Nioac, 15 de junho de 1894. Eu Jose Nelson de Santiago Escrevente que o escrevi. Intendente Geral, João Luiz da Fonseca e Moraes.(ARCA, Registro da Fazenda Bálsamo. Fundação Cultura).

Além disso, os/as professores/as podem trabalhar com a edificação, no sentido de problematizar o que constava na fazenda Bálsamo, como funcionava uma fazenda em Campo Grande e, também problematizar a doação da fazenda, usando as informações históricas, como as contidas na Fundação de Cultura. Um dos documentos aponta que “Doada por Carlinda Pereira à Municipalidade em 1966, a propriedade abriga o Museu que passou por um processo de restauração e foi reaberto ao público nas comemorações do centenário de emancipação política do município”. (FUNDAC, 2006, p. 28)

E assim, compreender a edificação como histórica, que agrega tradições culturais dos grupos que viviam na cidade, explanando na visita desde a história regional até a história do acervo.

Nesse processo de conhecimento e aprendizagem, é importante ter em conta um prévio planejamento, que se inicia com a visita do/a professor/a ao museu. Isso porque, devem-se conhecer as potencialidades do local, bem como das atividades que serão desenvolvidas posteriormente. Projetando assim, um processo educativo de orientação aos professores/as sobre como o museu pode ser explorado e as possíveis atividades didáticas.

A análise sobre os encaminhamentos da educação patrimonial, conforme aponta Gonçalves (2002, p121) mostra que: “[...] os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória

e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em patrimônio”. Transformar objetos, estruturas arquitetônicas e estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de ‘representação’, que funda a memória e a identidade.

Na parte que consiste ao ensino de história, pode ser fundamentado a partir da Educação Histórica, a qual insere elementos que contribuam para que os alunos compreendam que a História é um conhecimento específico, estando imersa no mundo cotidiano em que os sujeitos se relacionam. Impulsionado pela perspectiva de se repensar a História como utilidade para a vida e também assumir a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento, a Educação Histórica surge como uma linha de investigação que pretende analisar, compreender discutir as premissas em torno da formação histórica dos alunos. Maria Auxiliadora Schmidt (2009) em seu estudo salienta a necessidade de se entender a ideia do aluno com uma invenção historicamente determinada, como sujeitos históricos, reflexivos e capazes de construir conhecimentos e suas próprias identidades.

Neste processo em que a utilização dos conceitos contribui para o entendimento por parte dos/as alunos/as dos eventos históricos, a aprendizagem da história interfere na maneira de ensinar, na escolha de temas, conteúdos, problemática e metodologias. Para Rüsen (1997) a história deve ser apreendida como uma experiência cultural que coloca objetivos orientativos a disposição do aluno. Tal diferenciação levaria a uma didática da história organizada com os assuntos arrumados de acordo com um cânone histórico de objetos.

Na esteira desta proposição de Rüsen, a historiadora Isabel Barca (2001) destaca que é em preocupação com os conceitos epistemológicos que a metodologia da Educação Histórica se volta para a teoria da história. Ao compreender os limites do modo de pensar histórico dos alunos, o professor-pesquisador deve criar condições para que as interpretações históricas esquemáticas e não referenciadas no acúmulo da Ciência histórica seja, através de tarefas cognitivas, questionadas pelos próprios alunos, levando a uma sofisticação de suas ideias históricas.

Na utilização do acervo do museu, têm-se diferentes objetos históricos que podem ser explorados pelo/a professor/a. Explicando detalhadamente sua historicidade, a composição, a utilização na sociedade e relacionando com

a vivência dos estudantes. Para que se possam aprofundar essas dimensões de análise, separamos um dos objetos históricos que faz parte do acervo do Museu José Antônio Pereira, o pilão.

**Figura 2:** Pilão do Museu José Antônio Pereira em Campo Grande-MS



**Fonte:** Acervo Pessoal.

O pilão pode ser um objeto histórico explorado nas aulas, desde a concepção de visita ao museu até o atrelamento com o saber docente, com o currículo escolar. Antes de ir ao museu o/a professor/a pode apresentar e problematizar a partir do conhecimento prévio dos/as estudantes sobre o pilão. E também trazer suas experiências e conhecimento para mostrar aos estudantes a historicidade deste objeto histórico. Isso porque, o pilão é um utensílio de origem remota, fabricado inicialmente de madeira, foi largamente utilizado no período do Brasil Colônia para moagem de vários grãos, tais como arroz, milho, amendoim, rapadura e café.

O pilão em exposição no Museu José Antônio Pereira está no espaço em que dispõem os artefatos e utensílios de trabalho, relacionados às pessoas que viviam naquele período e também na fazenda Bálamo. Antes de abordar a questão do trabalho, é possível fazer uma análise sobre a construção do próprio objeto. Uma vez que, o pilão é um artefato esculpido com madeiras duras, por exemplo: a maçaranduba, peroba, canela preta, sucupira, guatambu e limoeiro. Reside aí, outra problematização, a região de Mato Grosso do Sul e Campo Grande, nos idos de 1880, tinham árvores de que espécies. Esta problematização contribui com a aprendizagem no sentido de que o/a professor/a

pode explorar as riquezas naturais do Estado, da cidade e as modificações ao longo do tempo histórico.

Além disso, o/a professor/a pode desenvolver atividades relacionadas à 'historicidade dos objetos' na sala de aula, promovendo a percepção dos alunos sobre os tipos de objetos históricos que relacionam em suas experiências cotidianas, com o pilão, propondo assim, a relação com o que é vivido no presente. Pois, os pilões eram utilizados por várias pessoas ao mesmo tempo, que faziam uma sincronização alternada com as respectivas mãos de pilão para moagem dos alimentos. De maneira que proporciona através de perguntas sobre os objetos, a percepção mais ampla diante da exposição museológica, sendo assim, alarga-se o juízo crítico sobre o mundo que nos rodeia." (RAMOS, 2004, p. 24)

Na proposição educativa sobre a utilização de objetos históricos, artefatos, documentos de época, edificação, indumentárias expostos no museu construímos um guia didático que pode ser utilizado pelos/as professores na visita ao museu. Esse guia seria a etapa final das abordagens que foram realizadas na sala de aula. Além disso, pode ser adaptado conforme as atividades extra sala.

**Figura 3:** Guia para roteiro de visita ao museu

<p>Roteiro de Visita ao museu Nomes: Turma:</p> <p><b>1. Sequência didática:</b></p> <p><b>a) Em sala de aula: Uso de imagens e pesquisa em outras bases:</b> Atividades que foram realizadas em sala, com análise de textos e imagens.</p> <p><b>b) Diálogos educativos- conhecimentos prévios</b></p> <p>O que você já conhece sobre o museu? Que objetos históricos você acha mais importante? Por que? Você identifica que características históricas no museu?</p> <p><b>2. Na visita ao museu:</b></p> <p><b>a)</b> Separar os alunos em dupla/grupo, com uma ficha de orientação para que descrevam as análises sobre os objetos, sobre o espaço do museu, sobre a parte externa ao redor do museu.</p> <p><b>b)</b> Podem ser escolhidos os objetos previamente pelo/a professor/a.</p> <p><b>3. Após a visita:</b></p> <p><b>Trabalho individual:</b> Produção de quadrinhos, a partir da visita ao museu. Escolha um bem patrimonial ou o museu e descreva o que foi mais importante na visita ao museu.</p>
--

**Fonte:** Elaboração própria.

É importante ressaltar que há um documento que norteia as ações em museus. Este documento é o Caderno de Diretrizes museológicas para elaboração do Programa Educativo e Cultural dos Museus (2ª edição, 2006) define ações educativas como:

Elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural. (CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS, 2006, p.65).

Outra possibilidade que o/a professor/a pode ter é apresentar diferentes imagens do pilão e dos alimentos que eram produzidos pelo mesmo. Já que, a moagem de alimentos era feita na fazenda Bálamo, com isso, o/a professor/a pode problematizar a produção e o consumo de alimentos. E relacionar com o que ainda é produzido na região.

Mas, mesmo utilizando um objeto histórico como motivador inicial das ações didáticas do/a professor/a, não se pode esquecer de fundamentar a sua manutenção e preservação como objeto do museu. Quem definiu que este objeto é histórico? Por que está disposto neste museu? O que representa para os visitantes? Há explicações no museu sobre esse objeto histórico? Como o/a professor/a fará a atividade final a partir da análise dos objetos históricos do museu?

Essas questões impulsionam o aprofundamento sobre a importância do museu para a cidade, pois neste 'lugar de memória' estão dispostos diferentes bens patrimoniais. Por isso, a importância de planejar a ação, relacionar com outras fontes históricas ainda na sala de aula, projetar a visita compartilhada, realizar atividade final sobre a visita.

Até porque, a problematização do objeto e sua historicidade favorece também a compreensão sobre a comparação com os diferentes utensílios que as pessoas tinham em suas residências e que se transformaram em objetos de museus. O/a professor/a pode apresentar, a partir do exemplo do pilão, outros utensílios que faziam parte da vida das pessoas no Brasil Colônia e se hoje são ou não utilizados.

Todo esse processo de aprendizagem histórica tem na Educação patrimonial um norteador para o desenvolvimento das aulas. Já que a cartilha educativa

do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) aponta que “os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural.”

Hartog (2006, p 268) chamou atenção que a produção de “lugares de patrimônio urbano contribui para construir a identidade, escolhendo uma história, que se torna a história, a da cidade ou do bairro: história inventada, reinventada ou exumada [...]”. Logo, possibilitar que diferentes atores sociais, como por exemplo, os/as estudantes possam a partir da visita ao museu, refletir sobre as experiências históricas que culminaram com a preservação de determinados objetos históricos, favorece também a manutenção destes espaços com suas “múltiplas memórias”, na compreensão da história de uma cidade, de uma comunidade, de um grupo social, seus significados, seus atores, proporcionando o exercício da cidadania. Para tanto, ainda precisamos ter claro que trabalhamos com a perspectiva de que há uma construção de memórias e que estas constituem a cidadania dos sujeitos quando compreendemos que sendo cidadãos temos direito à memória.

A prática educativa envolve também o entrelaçamento da valorização da cultura regional, da formação de identidades e, assim o museu configura-se como espaço não forma de ensino, que detêm fontes históricas que podem ser interpretadas, analisadas no contexto da história e da cultura da cidade.

Ainda analisando o processo educativo no Museu José Antônio Pereira, é importante frisar que sua exposição é permanente, ou seja, são objetos que estão dispostos no museu durante todo o tempo de seu registro. Ao explorar a exposição permanente, o/a professor/a deve ter em mente a necessidade de registro durante a visitação, com fichas de análise ou observação, com questões direcionadas sobre os objetos históricos, com análise das fotografias, com a correlação entre as fontes históricas.

É possível utilizar diferentes instrumentos para a avaliação da visita ao museu, mas planejando-a para que abarque o maior número de informações, em que o conhecimento aprendido deve ser relacionado ao processo de conhecimento histórico, produzido na sala de aula e no museu, entrelaçando o que foi compreendido no processo educativo.

Em suma, ao finalizar este artigo, concebemos que a utilização de visitas aos museus como elementos da prática educativa precisam agregar diferentes ações didáticas, em o/a professor/a pode dispor de abordagens já realizadas, mas também podem utilizar suas experiências docentes, experiências que envolvem o processo metodológico e o processo de construção de aulas em espaços não formais de ensino.

A contribuição do saber docente nestas ações é fundamental para que os estudantes percebam a importância de estudar os lugares de memória que estão em seu cotidiano e, com isso, promover ações de preservação e valorização de espaços como os museus.

---

**Resumo:** Este artigo pretende abordar as concepções históricas sobre a visita compartilhada aos museus, compreendendo-os como espaços de aprendizagem. Para isso, primeiramente situamos os conceitos de museus e suas relações com a educação, analisando como espaço formativo. E, posteriormente apresentamos uma proposta didática, que aglutina as dimensões históricas do museu e a formação docente a partir da análise sobre o museu José Antônio Pereira em Campo Grande/MS, fundamentando o entrelaçamento entre as análises realizadas na sala de aula e a produção do conhecimento realizada na visita ao referido museu, projetando assim, as práticas educativas.

**Palavras-chave:** Museu. Prática educativa. Saber docente.

**Abstract:** This article intends to approach the historical conceptions about the shared visit to the museums, understanding them as spaces of learning. For this, we first locate the concepts of museums and their relations with education, analyzing it as a formative space. And, later, we present a didactic proposal, which brings together the historical dimensions of the museum and the teacher training based on the analysis of the José Antônio Pereira Museum in Campo Grande / MS, grounding the interweaving between the classroom analysis and the production of the knowledge in the visit to the museum, thus designing the educational practices.

**Keywords:** Museum, educational practice, teaching knowledge.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Museus em Números*. v. 1. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CADERNO de Diretrizes Museológicas 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2. ed., 2006.

CAMPO GRANDE. *Restauração do Museu José Antônio Pereira*: Borges & Corrêa Ltda. Gregório Corrêa (Goinha). Disponível em: [http://www.campograndems.net/vista\\_frontal.html](http://www.campograndems.net/vista_frontal.html)

CHAGAS, Mario. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e objetivação. *Revista eletrônica IPHAN - Educação Patrimonial*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-7, 2006.

FONSECA, Maria C. Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

LEWIS, G. O papel dos museus e o código de ética profissional. In: BOYLAN, P. J. *Como gerir um museu: Manual prático*. Paris: ICOM, 2004.

MARANDINO, M. Interfaces na relação museu-escola. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 85-100, abr. 2001.

NASCIMENTO, J. J. do; CHAGAS, M. de S. Diversidade museal e movimentos sociais. In: NASCIMENTO J. J. do (org.). *IBERMUSEUS 2: Reflexões e comunicações*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008 a.

NASCIMENTO, J. J. do; CHAGAS, M. de S. Panorama dos museus no Brasil. In: NASCIMENTO J. J. do (Org.). *IBERMUSEUS 1: Panoramas museológicos da Ibero-américa*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008 b.

PACHECO, R. de A. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 63-81, jul./dez. 2012.

PEREIRA, J. P. *Escola e museu – Diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura – Superintendência de Museus / Cefor, 2000.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

VAINSENER, S. A. *Pilão e monjolo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2008. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=629](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=629)

Recebido em Junho de 2019

Aprovado em Julho 2019